



CHLOE GONG

TRADUÇÃO DE BEATRIZ GUTERMAN



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

PARA MINHAS AVÓS E TIAS-AVÓS

谨此献给我的阿娘、外婆、
和我的小阿奶、二姨婆、小姨婆

Amostra

*O tempo caminha a um passo diferente para cada pessoa.
Vou lhes dizer com quem o tempo caminha a furta-passo,
com quem o tempo trota, com quem o tempo galopa e
com quem o tempo permanece imóvel.*

— SHAKESPEARE, COMO GOSTAIS

PRÓLOGO

1928

Quando se está no campo, não importa o quão alto se grita. O som viaja através do armazém, ecoando até as altas ripas de madeira do teto, expandindo-se pelo espaço e noite afora. Quando escapa, mistura-se ao vento uivante, até que simplesmente passa a ser parte da tempestade enfurecida. Os soldados avançam, nervosos, até a entrada do armazém, empurrando a porta pesada para fechá-la, porém a chuva cai com tanta força que já encharcou o piso, formando um semicírculo escuro no concreto. À distância, é possível ouvir o apito suave de um trem. Apesar de a chance de alguma alma viva os ver ali ser ínfima, as instruções que lhes foram dadas eram claras: proteger o perímetro. Ninguém pode saber o que está acontecendo ali.

— Qual é o veredito?

— Deu certo. Acho que deu certo.

Os soldados estão espalhados pelo armazém, mas dois cientistas estão ao redor de uma mesa no meio do local. Eles encaram impassíveis a cena à sua frente, o experimento preso por fivelas grossas, a testa encharcada de suor. A cobaia é atingida dos pés à cabeça por outra convulsão, mas sua

voz ficou rouca de tanto gritar, então sua boca simplesmente se abre, mas nenhum som sai dessa vez.

— Então funciona.

— Funciona. A primeira parte está completa.

Um dos cientistas coloca uma caneta atrás da orelha e gesticula para um soldado, que se aproxima da mesa para afrouxar as fivelas: primeiro todas as da esquerda, depois todas as da direita.

As fivelas caem, o metal estalando no chão. O indivíduo tenta se virar para levantar, mas entra em pânico, tendo um espasmo e caindo da mesa. É uma cena horrível. A cobaia cai esparramada aos pés do cientista, arfando — arfa sem parar, como se não conseguisse preencher os pulmões corretamente, e talvez nunca mais fosse conseguir.

Uma mão toca a cabeça do indivíduo. O toque é gentil, quase afetuosamente. O cientista dá um sorriso enquanto examina seu trabalho, amaciando o cabelo da cobaia.

— Tudo bem. Você não deve resistir.

Uma seringa surge. A agulha brilha sob as luzes altas quando o êmbolo é pressionado, e a substância vermelha dentro dela desaparece sob a pele macia.

A dor é imediata: um choque líquido, sobrecarregando cada nervo que encontra pelo caminho. Logo chegará aonde é necessário, e o sentimento será como o de ser destruído.

Do lado de fora, a chuva continua a cair. Pinga através das rachaduras do armazém, as poças se alargando cada vez mais.

O primeiro cientista afaga mais uma vez o indivíduo.

— Você é minha maior realização, e ainda maiores virão. Mas até lá...

A cobaia não conseguia mais manter os olhos abertos. A fraqueza tornou todos os seus membros pesados, cada pensamento em sua cabeça se esvaindo como a visão de navios entre a névoa. O indivíduo quer dizer algo, gritar, mas nada sai. Então o cientista se inclina para sussurrar em seu ouvido, dando o golpe final e penetrando a névoa de maneira tão afiada quanto uma faca.

— *Oubliez.*

1

SETEMBRO DE 1931

Excepto pelo ronco abaixo do piso, o corredor do trem estava silencioso. O crepúsculo já havia caído, mas as janelas brilhavam a cada três segundos — uma onda de luz vinha das lâmpadas instaladas pelo curso do trilho e logo desaparecia, engolida pela velocidade da locomotiva. Fora dali, as cabines estavam preenchidas por luz e barulho: os lustres suaves e dourados, o ruído dos talheres contra os carrinhos de comida, o tilintar de uma colher batendo em uma xícara e o brilho das lâmpadas de cristal.

Mas ali, no caminho até a primeira classe, só havia o sopro da porta sendo aberta por Rosalind Lang, penetrando a penumbra com os saltos batucando contra o chão.

Os quadros na parede a encaravam conforme ela passava, seus olhos brilhando na escuridão. Rosalind apertou a caixa que tinha nos braços, tendo cuidado para manter a suavidade nas luvas de couro que seguravam as bordas, os cotovelos fixos às laterais de seu tronco. Quando parou em frente à terceira porta, usou o sapato para bater, cutucando a base com delicadeza.

Um momento se passou. Por um instante, só o motor do trem podia ser ouvido. Então, um barulho quase inaudível soou do outro lado, e a porta se abriu, derramando uma nova luz no corredor.

— Boa noite — disse Rosalind, com educação. — Está ocupado?

O senhor Kuznetsov a encarou, franzindo a sobrancelha enquanto compreendia a cena diante de si. Havia dias, Rosalind tentava conseguir uma reunião com o comerciante russo. Ela havia acampado em Harbin e sofrido com as temperaturas frígidas sem sucesso, e então o seguiu para Changchun, uma cidade mais ao sul. Lá, os empregados dele também haviam falhado em ceder aos seus pedidos, e quase parecera uma causa perdida — era como se ela tivesse que fazer tudo do jeito mais difícil. Até que ficou sabendo dos planos do comerciante de viajar de trem na primeira classe, onde as cabines são espaçosas e os tetos baixos, quase não há ninguém por perto e os barulhos são abafados por paredes muito, muito grossas.

— Vou chamar o guarda...

— Ah, não seja tolo.

Rosalind entrou sem ser convidada. Os quartos da primeira classe eram tão grandes que poderiam facilmente tê-la feito esquecer que estava a bordo de um trem... se não fosse pelo tiritar das paredes, a estampa floral tremendo a cada vez que os trilhos se tornavam acidentados. Ela olhou ao redor por mais um tempo, observando a rachadura que ia até o topo do trem e a janela na lateral do aposento, as cortinas fechadas para bloquear a noite que avançava com rapidez. À esquerda da cama com dossel, havia outro par de portas que dava para um armário ou para um banheiro.

Uma batida firme trouxe a atenção de Rosalind de volta ao comerciante quando ele fechou a porta principal da cabine. Quando ele se virou, seus olhos a analisaram e logo depois a caixa em suas mãos. O homem não examinava seu *qipao* ou as flores vermelhas presas ao casaco de pele jogado sob seu ombro. Apesar de tentar ser sutil, o senhor Kuznetsov estava preocupado com a caixa em suas mãos e se ela carregava uma arma.

Rosalind já estava levantando a tampa da caixa delicadamente, fazendo floreios para apresentar seu conteúdo.

— Um presente, senhor Kuznetsov — disse, com gentileza. — Da Sociedade Escarlata. Fui enviada por eles para que nos conhecêssemos. Podemos conversar?

Ela empurrou a tampa da caixa com mais floreios. Era um vaso chinês de porcelana azul e branca, disposto em cima de cetim vermelho. Bem caro. Mas não o suficiente para causar ultraje.

Rosalind prendeu a respiração até o senhor Kuznetsov estender a mão e pegar a caixa. Ele examinou o vaso sob a luz pendurada no teto, virando o pescoço de um lado para o outro, admirando os símbolos cravados na lateral. Depois de um instante, ele grunhiu algo que soava como aprovação, andou até a mesinha posicionada entre duas grandes poltronas e colocou o vaso ali. Já havia duas xícaras de chá na mesa. Um cinzeiro também estava ali, empoeirado com cinzas pretas.

— A Sociedade Escarlata — murmurou o senhor Kuznetsov. Sentou-se em uma das poltronas, suas costas eretas contra o estofado. — Não escuto esse nome há um bom tempo. Sente-se, por favor.

Rosalind caminhou até a outra cadeira, tampando a caixa novamente e a colocando ao lado da poltrona. Quando se sentou, ficou apenas na beirada, dando mais uma olhadela nas portas do armário à sua esquerda. O chão estremeceu.

— Presumo que seja a mesma garota que tem assediado meus empregados. — O senhor Kuznetsov saiu do russo e foi para o inglês. — Janie Mead, certo?

Já haviam se passado quatro anos, mas Rosalind ainda não se acostumara com seu pseudônimo. Mais cedo ou mais tarde, ela ficaria em apuros por aquele meio segundo de atraso, a expressão vazia antes de se lembrar que seu nome era Janie Mead, a pausa antes de prolongar seu sotaque francês ao falar inglês, fingindo ter sido criada como uma norte-americana, e outra entre os muitos repatriados na cidade registrados no Kuomintang.

— Isso mesmo — respondeu Rosalind, com tranquilidade.

Talvez ela devesse ter contado uma piada, relaxado o pé na poltrona e declarado que seria bom ele lembrar seu nome. O trem ribombou ao passar por uma elevação nos trilhos, e o aposento inteiro balançou, mas Rosalind não disse mais nada. Ela apenas colocou uma das mãos sob a outra, dobrando a pressão fria do couro.

O senhor Kuznetsov franziu o cenho. As rugas em sua testa se intensificaram, assim como os pés de galinha abaixo de seus olhos.

— A senhorita está aqui... por minhas propriedades?

— Exato — respondeu Rosalind. Essa sempre era a forma mais fácil de ganhar tempo. Deixando-os presumir o motivo de sua presença e seguir a partir daí, ao invés de soltar alguma mentira estranha e ser pega cedo demais. — Tenho certeza de que ouviu dizer que os Escarlates não lidam mais com territórios desde que nos unimos aos Nacionalistas, mas essa é uma ocasião especial. A Manchúria tem vastas oportunidades.

— Parece-me longe demais de Xangai para ter importância para os Escarlates. — O senhor Kuznetsov inclinou-se para a frente, espiando as xícaras de chá que estavam na mesa. Ele percebeu que uma permanecia meio cheia, então levou-a aos lábios, limpando a secura da garganta. — E a senhorita me parece nova demais para estar cumprindo afazeres para os Escarlates.

Rosalind o observou beber. A garganta dele se moveu. Livre para ser atacada. Vulnerável. Mas ela não pegou uma única arma. Estava sem nenhuma.

— Tenho 19 anos — respondeu Rosalind, enquanto retirava as luvas.

— Diga a verdade, senhorita Mead. Esse não é seu nome verdadeiro, é?

Rosalind sorriu, colocando as luvas na mesa. Ele estava desconfiado, é claro. O senhor Kuznetsov não era um simples magnata russo com alguns negócios na Manchúria, mas um dos últimos Rosas Brancas restantes no país. Só isso era o suficiente para entrar na lista do Kuomintang, mas ele também estava enviando dinheiro para organizações Comunistas,

apoiando sua luta na guerra do sul. E, já que os Nacionalistas precisavam exterminar os Comunistas e destruir cada fonte de financiamento com a maior destreza possível, Rosalind havia sido enviada com ordens para... pôr um fim naquilo.

— É claro que esse não é meu nome verdadeiro — disse ela suavemente. — Meu nome verdadeiro é chinês.

— Não foi isso que eu quis dizer. — O senhor Kuznetsov tinha as mãos depositadas ao lado do corpo agora. Ela se perguntou se ele tentaria pegar uma arma escondida. — Pesquisei sobre você após seus outros pedidos por um encontro. E você se parece muito com Rosalind Lang.

Rosalind nem piscou.

— Vou considerar isso um elogio. Sei que deve estar por fora dos acontecimentos de Xangai, mas Rosalind Lang não é vista há anos.

Se alguém dissesse que a viu, com certeza estava tendo vislumbres de fantasmas — apanhando os restos de um sonho desvanecido, a lembrança do que Xangai costumava ser. Rosalind Lang: criada em Paris antes de retornar à cidade e alcançar a fama na vida noturna como uma das melhores dançarinas de cabaré. Rosalind Lang: uma garota cujo paradeiro era desconhecido, que supostamente estava morta.

— Fiquei sabendo — disse o senhor Kuznetsov, inclinando-se para examinar sua xícara mais uma vez.

Ela se perguntou o porquê de ele não beber da segunda xícara, se tinha tanta sede. Perguntou-se o porquê de *haver* uma segunda xícara, para começo de conversa.

Bem, Rosalind sabia.

De repente, o senhor Kuznetsov olhou para cima.

— Porém — continuou —, rumores Rosas Brancas diziam que Rosalind Lang desapareceu por causa da morte de Dimitri Voronin.

Rosalind congelou. A surpresa caiu como um peso em seu estômago, e um pequeno sopro escapou de seus pulmões. Já era tarde demais para

fingir que não havia sido pega desprevenida, então ela deixou o silêncio se estender, a raiva ganhar vida em seus ossos.

Convencido, o senhor Kuznetsov pegou uma colher minúscula e a bateu na beirada da xícara. Soou alto demais para o espaço, como um tiro, uma explosão. Como a explosão que assolara a cidade havia quatro anos, aquela que sua própria prima Juliette havia criado, dando a vida para acabar com o reinado de horror de Dimitri.

Se não fosse por Rosalind, Juliette Cai e Roma Montagov ainda estariam vivos. Se não fosse pela traição dela à Sociedade Escarlate, Dimitri nunca teria alcançado o poder que conseguira, e talvez os Rosas Brancas nunca tivessem se desfeito. Talvez a Sociedade Escarlate nunca tivesse se aliado ao Kuomintang, unindo-se ao partido Nacionalista. *Talvez, talvez, talvez* — esse era um jogo que a assombrava em suas noites eternas, um exercício inútil de listar tudo o que havia feito de errado para chegar aonde estava.

— E o senhor conhece bem os Rosas Brancas, não é?

As máscaras haviam caído. Quando Rosalind falou, foi com sua verdadeira voz, com o sotaque francês e a rispidez.

O senhor Kuznetsov abaixou a colher com uma careta.

— A questão é que os Rosas Brancas restantes também possuem contatos de longa data que nos dão avisos. E eu já estava preparado há muito tempo, senhorita Lang.

A porta à sua esquerda se abriu. Outro homem surgiu, vestido em um terno ocidental, uma adaga simples na mão. Antes que Rosalind pudesse se mexer, ele já estava atrás dela, um aperto firme em seu ombro a mantendo na cadeira, a adaga posicionada contra sua garganta.

— Acha que eu viajaria sem meus seguranças? — perguntou o senhor Kuznetsov. — Quem a enviou?

— Já lhe disse — respondeu Rosalind. Ela experimentou afastar o pescoço. Não podia. A lâmina já atingia sua pele. — A Sociedade Escarlate.

— A guerra entre a Sociedade Escarlate e os Rosas Brancas acabou, senhorita Lang. Por que a enviaram?

— Para trocar gentilezas. Não gostou do presente?

O senhor Kuznetsov se levantou. Colocou as mãos atrás do corpo, os lábios formando uma linha fina de irritação.

— Vou lhe dar uma última chance. Que partido a enviou?

Ele estava tentando sondar os dois lados da guerra civil que atravessava o país naquele momento. Julgando se havia caído na lista dos Nacionalistas, ou se os Comunistas o haviam traído.

— O senhor vai me matar de qualquer jeito — disse Rosalind. Sentiu uma gota de sangue escorrer por seu pescoço. Ela seguiu por sua clavícula e manchou o tecido de seu *qipao*. — Por que eu perderia meu tempo respondendo suas perguntas?

— Tudo bem.

O senhor Kuznetsov assentiu para o guarda-costas. Não houve hesitação antes de ele trocar para o russo e dizer:

— Se é assim, mate-a. *Bystreje, pozhaluysta*.

Rosalind se retesou. Respirou fundo e sentiu a lâmina sussurrar uma bênção contra sua pele.

Então o guarda cortou sua garganta.

O choque inicial sempre era a pior parte — aquele primeiro segundo em que ela mal podia pensar em meio à dor. Suas mãos voaram livremente para o pescoço, apertando a ferida. Vermelho quente jorrou pelos vãos entre seus dedos e correu por seus braços, pingando no chão da cabine. Houve um momento de incerteza quando ela se levantou da cadeira e caiu de joelhos, um murmúrio em sua mente dizendo que ela já enganara demais a morte e que dessa vez não haveria redenção.

Mas então Rosalind abaixou a cabeça e o sangramento diminuiu. Ela sentiu sua pele se reconstruir, centímetro por centímetro. O senhor Kuznetsov estava esperando que ela caísse e sucumbisse, encarando o teto sem expressão.

Em vez disso, ela levantou a cabeça e tirou as mãos do pescoço.

Sua garganta havia se curado. Ainda estava manchada de vermelho, mas parecia nunca ter sido cortada.

O senhor Kuznetsov soltou um som de surpresa. Já seu guarda-costas suspirou algo indecifrável e avançou na direção dela, mas obedeceu quando Rosalind gesticulou para que ele parasse, perplexo demais para fazer outra coisa.

— Acho que vou lhe contar, então — disse Rosalind, levemente sem fôlego. Ela limpou o sangue do queixo e se apoiou em um pé, depois no outro. — Não ouviu falar de mim? Os Nacionalistas precisam melhorar suas propagandas.

Agora caía a ficha do comerciante. Ela conseguia ver em seus olhos, na expressão de incredulidade por estar testemunhando algo tão anormal diante de si, conectando as histórias que haviam começado a se espalhar fazia alguns anos.

— A Dama do Destino — sussurrou.

— Ah. — Rosalind finalmente ficou ereta, seus pulmões se recuperando. — Esse é o termo errado. O certo é só Destino. *Pegue*.

Em um movimento simples, ela tirou uma das luvas para agarrar a boca do vaso e tirá-lo da mesa. O guarda-costas o pegou rapidamente quando ela o jogou em sua direção, como se estivesse preparado para algum ataque, mas o vaso apenas atingiu suas mãos com suavidade, aninhado como um animal selvagem feito de porcelana.

Destino, diziam os rumores, era o codinome de uma espia Nacionalista. Não alguém qualquer: uma assassina imortal, apesar das diversas tentativas para garantir sua morte, que não dormia nem envelhecia, que perseguia seus alvos durante a noite e aparecia na forma de uma simples garota. Dependendo de quanto floreio era adicionado às histórias, ela era particularmente horrível com os Rosas Brancas sobreviventes, indo atrás deles com uma moeda. Se desse cara, matava-os na mesma hora. Se desse coroa, dava a eles uma chance de correr, mas nenhum alvo havia conseguido escapar até então.

— Criatura abominável — sibilou o senhor Kuznetsov.

Ele recuou para ampliar o espaço entre os dois, ou pelo menos tentou. O comerciante não tinha dado nem três passos antes de cair com tudo no chão. O guarda ficou imóvel de choque, congelado com as mãos em volta do vaso.

— Veneno, senhor Kuznetsov — explicou Rosalind. — Não é um jeito tão terrível de morrer, é?

Os membros dele começaram a se contrair. Seu sistema nervoso estava se desligando: os braços amoleciam, as pernas viravam papel. Ela não sentia prazer nisso. Não era uma vingança. Mas mentiria se dissesse que não sentia justiça a cada golpe, como se essa fosse sua maneira de arrancar as camadas de seus pecados até que tivesse respondido completamente por suas ações de quatro anos antes.

— Você... — O senhor Kuznetsov ofegava. — Não... tocou... o chá. Eu... observei.

— Não envenenei o chá, senhor Kuznetsov — respondeu Rosalind. Ela se virou para o guarda-costas. — Envenenei o vaso que o senhor tocou com as mãos nuas.

O guarda-costas jogou o vaso de lado com uma crueldade repentina, destruindo-o contra o dossel da cama. Mas era tarde demais: ele o segurara por mais tempo que o senhor Kuznetsov. Ele se lançou na direção da porta, talvez em busca de ajuda, talvez para tentar lavar as mãos, mas também caiu rapidamente no chão antes que pudesse escapar.

Rosalind assistiu tudo sem expressão. Ela havia feito isso diversas vezes. Os rumores eram reais: às vezes ela andava com uma moeda, para alimentar a propaganda Nacionalista. Mas sua arma preferida era o veneno, então não importava quão longe eles corriam. Quando seus alvos pensavam que ela os deixara escapar, já haviam sido atingidos.

— Você...

Rosalind se aproximou do comerciante, colocando as luvas no bolso.

— Me faça um favor — pediu, sem emoção —, mande lembranças quando vir Dimitri Voronin no inferno.

O senhor Kuznetsov parou de arquejar, parou de se mover. Estava morto. Outra tarefa fora cumprida, e os Nacionalistas estavam um passo mais perto de perder o país para os imperialistas ao invés dos Comunistas. O guarda-costas também sucumbiu momentos depois, e o quarto caiu em um silêncio vazio.

Rosalind virou-se para a pia no bar, girando a torneira o máximo possível e enxaguando as mãos. Depois, jogou água no pescoço, esfregando-o com os dedos. O sangue era todo dela, mas mesmo assim o nojo trouxe um amargor à sua língua quando viu as laterais da pia ficando manchadas conforme se limpava, como se partículas de um veneno diferente estivessem pingando de sua pele, do tipo que contaminava a alma em vez de seus órgãos.

É mais fácil se não pensar a respeito, costumava dizer a prima quando Xangai era dividida por uma guerra de sangue entre duas gangues rivais, quando Rosalind era a mão direita da herdeira da Sociedade Escarlate e via Juliette matar pessoas dia após dia em nome da família. *Lembre-se de seus rostos. Lembre-se das vidas que foram tiradas. Mas ficar ponderando sobre isso vai ajudar em quê? O que passou, passou.*

Rosalind soltou a respiração devagar, fechando a torneira e deixando a água cor de cobre descer pelo ralo. Pouco havia mudado na postura da cidade em relação ao derramamento de sangue desde a morte de sua prima. A não ser a troca de gângsteres por políticos que fingiam que haveria alguma sombra de lei agora. Uma mudança artificial, não havia nada diferente na essência.

Vozes ecoaram no corredor. Rosalind enrijeceu, examinando o entorno. Apesar de achar que não poderia ser processada pelos crimes cometidos ali, precisava escapar antes de testar essa teoria. O Kuomintang havia se colocado no comando do país, posicionando seu governo como o defensor da justiça. Pelo bem de sua imagem, os membros Nacionalistas a jogariam aos lobos e renegariam seu papel como espíá se ela fosse pega

deixando corpos fora da cidade, mesmo que a ordem tivesse vindo de sua própria filial secreta.

Rosalind levantou o queixo, dobrando a pele nova e macia em sua garganta enquanto inspecionava o teto da cabine. Ela havia estudado as plantas do trem antes de embarcar, e, quando encontrou uma fina e quase invisível corda pendurada ao lado da luminária, puxou um painel do teto, revelando um alçapão de metal que levava direto para a parte superior do trem.

Assim que baixou a porta do alçapão, o vento entrou na cabine com um rugido. Ela usou uma das gavetas próximas para ganhar impulso, saindo da cena do crime com agilidade.

— Não escorrega — disse para si mesma, escalando através do alçapão e emergindo na noite, os dentes tremendo graças à temperatura congelante. — *Não* escorrega.

Rosalind fechou o alçapão. Parou por um ínfimo segundo, para buscar o equilíbrio em cima do trem em movimento. Por um momento atordoante, foi atingida por uma sensação de vertigem, convencida de que tropeçaria e cairia. Mas, na mesma velocidade, encontrou o equilíbrio, firmando os pés.

— Uma dançarina, uma espia — sussurrou Rosalind quando começou a se mover pelo trem, os olhos no fim do vagão.

Seu treinador havia implantado esse mantra em sua mente nos primeiros dias de treinamento, quando ela havia reclamado por não ser rápida, por não conseguir lutar como os espões tradicionais faziam — desculpas atrás de desculpas para encobrir o fato de não ser boa o bastante para aprender. Rosalind costumava passar todas as noites em um palco iluminado. A cidade a havia transformado em uma estrela deslumbrante, na dançarina que todos precisavam ver, e os rumores eram mais velozes do que a realidade em si. Não importava quem Rosalind fosse ou que, na verdade, era só uma criança vestida com lantejoulas. Ela conquistava homens e sorria para eles como se fossem seu universo até que lhe dessem